

Índice

I. Rio Escalda, Cambraia, França, 1917	9
II. Rio Esk, Norte de Yorkshire, 1920	29
III. Rio Westbourne, Londres, 1951	73
IV. Rio Orwell, Suffolk, 1984	85
V. Rio Orwell, Suffolk, 1964	103
VI. Rio Orwell, Suffolk, 1984	107
VII. Sceaux, França, 1910	127
VIII. Da Estónia a Brest-Litovsk, 1980	141
IX. Rue Gazan, Paris, 1908	157
X. Highcliffe, Dorset, 1912	165
XI. Captain's Wood, Suffolk, 2010	175
XII. Golfo da Finlândia, 2025	179
Agradecimentos	187

I

Rio Escalda, Cambraia,
França, 1917

Sabemos que a vida é finita. Porquê acreditar que a morte é para sempre?

*

A sombra de uma ave deslizou sobre a colina; ele não conseguia ver a ave.

*

Certos pensamentos reconfortavam-no:

O desejo tudo permeia; nada humano pode ser purgado dele.

Só conseguimos pensar no desconhecido em termos do conhecido.

À velocidade da luz não existe tempo.

O passado existe como um momento presente.

Talvez as coisas mais importantes que sabemos não possam ser provadas.

Ele não acreditava que o mistério no cerne das coisas fosse amorfo, ou vago, ou uma discrepância, mas um lugar dentro de nós para algo absolutamente preciso. Não acreditava em preencher esse espaço com religião ou ciência, mas antes em deixá-lo intacto; como o silêncio, ou a mudez, ou a duração.

Talvez a morte fosse langrangiana, talvez pudesse ser definida pelo princípio da ação mínima.

Assimptótica.

A neblina erguia-se como piras à chuva.

*

Era possível que a explosão o tivesse deixado surdo. Não havia árvores para identificar a direção do vento, não havia vento, pensou ele, nenhum. Estaria a chover? John via o ar a cintilar, mas não o sentia no rosto.

*

A neblina apagava tudo aquilo em que tocava.

*

Através da cortina da sua respiração vislumbrou um clarão, um grito de luz.

*

Fazia muito frio.

Algures por ali estavam as suas preciosas botas, os seus pés. Devia levantar-se e ir procurá-los.

Quando fora a última vez que comera?

Não sentia fome.

*

A memória a vazar gota a gota.

*

A neve caía, noite e dia, e outra vez noite adentro. Ruas silenciosas; impossível conduzir. Eles decidiram que atravessariam a cidade a pé e encontrar-se-iam a meio caminho.

O céu, mesmo às dez da noite, parecia porcelana, uma densidade pálida de onde a neve se desprendia e caía. O frio era purgação, bênção. Saiam de casa à mesma hora e não se desviariam do caminho, continuariam a andar até se encontrarem.

*

Na distância, debaixo do nevão, John vislumbrou fragmentos dela — elípticos, estroboscópicos —, o gorro escuro de Helena, as suas luvas. Ainda era difícil de dizer a que distância se encontrava. Sacudiu a neve do gorro para que ela o avistasse também. Sim, ela ergueu os braços acima da cabeça para lhe acenar. Somente o gorro e as luvas dela, e a neblina amarelada etérea dos candeeiros de rua, eram visíveis contra o fundo branco de céu e terra. Mal sentia os pés ou os dedos das mãos, mas o resto dele estava aquecido, quase quente, da caminhada. A sua pulsação acelerou assim que a viu, os vestígios dela. Ela era tudo o que importava para ele. Foi acometido por um sentimento de confiança inviolável. Estavam próximos agora, mas não conseguiam avançar mais depressa. Algures entre a biblioteca e o banco agarraram-se um ao outro como se fossem os únicos humanos que restavam no mundo.

*

As pequenas manias dela que só ele conhecia. Que Helena combinava as meias com o cachecol, ainda que ninguém lhas visse dentro das botas. Que guardava junto à cama, supersticiosamente inacabado, o romance que estava a ler no parque no dia em que perceberam que ficariam juntos para sempre. As luvas de couro finíssimo que encontrou no bolso do casaco de *tweed* de homem que comprou na feira de velharias. O anel da mãe que usava somente

quando vestia determinada blusa. Que deixava a mala em casa e enfiava uma nota de cinco xelins no livro sempre que ia ler para o parque. A lata de caramelos onde guardava as moedas estrangeiras.

*

Helena trazia a mala que ele lhe tinha comprado em Hill Road, de couro castanho e macio, o fecho em forma de flor. Envergava a echarpe de seda que tinha encontrado na feira, e que agora o seu próprio cheiro tinha tornado sua, cores outonais com uma barra verde-escura, e o casaco de *tweed* com veludo no colarinho. Quantas vezes ele sentira esse aveludado ao segurar o casaco aberto para a ajudar a vesti-lo. Um número finito. Todos os prazeres de um dia ou de uma vida, numerados. Mas o prazer também era infinito, além de si mesmo — porque permanecia, mesmo que somente na memória; e no corpo, mesmo quando esquecido. Mesmo a mancha do prazer e a sua provocação: perda. O finito tão impossível de controlar como o infinito.

*

Continuaram a pé até ao apartamento dele e deixaram as roupas molhadas à porta. Não havia necessidade de acender as luzes. As persianas estavam subidas, a divisão iluminada pela neve. Crepúsculo branco, luz impossível. John ficava sempre surpreendido, nunca deixou de ficar impressionado com o pouco que havia dela, parecia-lhe minúscula, e tão delicada e intensa que o deixava sem fôlego. Tinha comprado os pós perfumados de que ela gostava e começou a encher a banheira. Adicionou demasiado e a espuma galgou o rebordo fumante.

— Um banco de neve — comentou ela.

*

O jovem soldado estava estendido a escassos metros de distância. Há quanto tempo estaria o rapaz a fitá-lo? John quis chamá-lo, fazer uma piada com a situação, mas não encontrou a voz.

*

Colado ao chão, sem nenhum peso em cima.

Quem é que imaginaria que a luz podia deitar abaixo um homem.

*

A mão pequenina de John na mão da sua mãe. O saco de papel com castanhas do vendedor com o assador em frente às lojas, demasiado quente para segurar sem mitenes. Encostado ao pesado casaco de lã da mãe. O toque da mala suave dela na sua face. Arrancar-lhes a casca castanha para chegar ao miolo fumegante. O chiado do elétrico nos carris. O rebordo do avental da mãe a aparecer por baixo do casaco, o avental que ela se esqueceu de despir, o avental que usava sempre. Elétricos, filas, os odores a peixe e a gasolina. A suavidade dela contra a firmeza da infância dele. O cheiro dela antes de ele sucumbir ao sono, o calor polido do seu colar ao debruçar-se sobre ele. O candeeiro deixado aceso.

*

A pousada fora construída ao lado da linha do comboio, junto à estação rural, num vale fluvial. Há muito tempo, pousada e vale tinham sido um destino turístico, promovido pela companhia ferroviária devido à sua vista para as montanhas, prados repletos de flores silvestres, e os aromáticos pinheiros e betónicas. A linha do comboio corria paralela ao rio lento, qual mãe esforçando-se para acompanhar o filho pequeno, riscos prateados atravessando toda a extensão do vale.

Helena ia a caminho da cidade grande, mas adormecera. Não conseguiu evitar deixar-se dormir, sucumbindo como que entorpecida pelo embalo da carruagem. E, quando o comboio parou na estação imediatamente antes da cidade, por estar meio adormecida, não percebeu o nome que o revisor gritava, agarrou na mala e desembarcou uma estação antes.

Para lá do candeeiro de luz ténue junto à saída estava tudo escuro — essa escuridão profunda típica do campo. Ela sentia-se palerma e ligeiramente assustada; a plataforma deserta, a sala de espera trancada. Estava prestes a sentar-se no banco frio para esperar o raiar do dia quando ouviu risos na distância. Mais tarde, dir-lhe-ia que tinha ouvido cantar, embora John não se lembrasse de ter ouvido música. Deteve-se junto à saída, sem querer deixar a mísera proteção proporcionada por essa única lâmpada coberta de pó da estação. Porém, ao espreitar a escuridão, vislumbrou a alguma distância a convidativa poça de luz da pousada.

Mais tarde, imbuiria esse curto trajeto no escuro até à coroa de luz — os intermináveis campos de vegetação invisível sussurrando à sua volta — com as características de um sonho; a inevitabilidade da situação, a presciência.

Ao espreitar pela janela da frente, Helena viu uma sala fechada no tempo. Uma pousada digna de lendas, de folclore — calor e fumo de lenha a arder. Poltronas desbotadas, mesas e bancos de madeira cheios de marcas, chãos de pedra, lareira gigante com uma pilha de toros capaz de fazer frente ao inverno mais gélido, amontoados do chão ao teto, esse fornecimento perpétuo saído de um conto de fadas, cada toro, imaginava ela, repondo-se magicamente ao longo dos séculos. John viu-a sentar-se perto dele. Sentiu-o como um encontro de intimidade súbita nesse lugar público; o ângulo da cabeça dela, a sua postura, as mãos. Observou um homem — embriagado e cambaleante, cada passo cauteloso um reconhecimento da terra que gira e sua inclinação axial — deixar-se cair na cadeira vazia ao lado dela, lançando a Helena um olhar demorado e nauseado, para então a cabeça lhe pender, pesada como uma pedra de granito, e estatelar-se

sobre a mesa. John e outro cliente levantaram-se de um salto para ajudar e, entre os dois, arrastaram o homem até ao fundo do bar para que aí ficasse a curar a bebedeira. Quando John regressou, encontrou a sua mesa ocupada por um casal que nem sequer ergueu o olhar, já entregues a toda a envolvimento da sala.

— Lamento imenso — disse Helena, recolhendo rapidamente o casaco e a mala —, por favor, fique com a minha mesa.

Ele insistiu para que ela se deixasse ficar onde estava. Com um esforço tremendo para ultrapassar a timidez, ela perguntou-lhe se gostaria de se sentar com ela. Mais tarde, contar-lhe-ia a sensação que a acometera então, inexplicável, momentânea, nem sequer um pensamento: que, se ele se sentasse, ela iria partilhar mesa com ele para o resto da sua vida.

*

Do calor da banheira viam a neve a cair na pequena janela do corredor.

*

Os contornos negros das árvores lembravam-lhe um campo de inverno que em tempos vira da janela de um comboio. E também o mar negro da noite, e a touca e o avental pretos como breu da sua avó subindo vinda do porto, sem nunca parar de tricotar, tocando o burro velho carregado com pesados cestos repletos de caranguejos. Todas as mulheres da aldeia usavam a sua *tippie* e tinham o tricô sempre à mão, debaixo do braço ou no bolso do avental, mangas e frentes de camisolas, trabalhos minuciosos, que iam crescendo a olhos vistos ao longo do dia. Cada aldeia com o seu próprio ponto; era possível identificar o porto de origem de um marinheiro pelo padrão da sua camisola de lã, que continha mais uma característica identificadora — um erro deliberado que permitia à tricoteira identificar o seu trabalho. Um erro deliberado continuaria a ser um erro?

As tricoteiras da região costeira enlaçavam as suas malhas como feitiços de proteção para manter os seus homens em segurança e agasalhados e secos, os óleos naturais da lã repelindo a chuva e o borrifio das ondas, qual armadura passada de pai para filho. Tricotavam mangas curtas que não fosse necessário arregaçar para deitar as mãos à obra. Um fio de lã denso, desbotado pelo vento salgado. O ponto de jarreteira, como os campos em março depois de semeadas as batatas. O ponto musgo, o ponto corda, o ponto favo de mel, o ponto onda tripla, o ponto âncora; o ponto granizo, o relâmpago, o diamante, o escadote, o corrente, o cabo, o quadrado, o rede, o flecha, o bandeira, o cordame. O ponto amora de Noordwijk. As meias pretas e brancas de Terschelling (dois fios brancos, um só fio preto). O zigzague de Goedereede. A árvore da vida. O olho de Deus sobre o coração de quem a veste.

Se um marinheiro perdia a vida no mar, antes de o seu corpo ser entregue às profundezas, despia-se-lhe a camisola de lã e esta era devolvida à viúva. Se o corpo de um pescador dava à costa, era depois transportado para a sua aldeia, o ponto da sua camisola útil como um mapa. E, uma vez restituído ao seu próprio porto, a viúva podia reclamar o adorado corpo do marido por meio de um distinto talismã: o erro deliberado numa manga, num cós, num punho, no ombro, o padrão interrompido tão definitivo como uma assinatura num documento. O erro uma mensagem enviada para a escuridão, o ponto da calamidade e do terror, uma sinalização para o futuro, da esposa para a viúva. A prece para que, independentemente de onde for encontrado, um homem possa ser devolvido à respetiva família e entregue ao seu descanso eterno. Para que os mortos não jazam sozinhos. O erro de amor a dar provas da sua perfeição.

*

Havia regras do mar que também se aplicavam à vida em terra, e qualquer marinheiro, conhecendo o rosto mutável das profundezas, seria um tolo se ignorasse um aviso. Se, de manhã bem cedo, a ca-

minho das docas, um pescador se deparasse com uma lebre ou um padre, ou olhasse diretamente o rosto de uma mulher — mesmo que fosse a sua esposa, filha, irmã ou mãe —, já não se atreveria a fazer-se ao mar nesse dia. Nas ruas banhadas de alvorada que conduziam aos portos do Mar do Norte, as mulheres viravam respeitosamente as costas aos homens. E também após a morte havia rigorosos ritos de passagem. Nas aldeias, os caixões eram transportados da seguinte maneira: pescadores carregavam pescadores, mulheres carregavam mulheres, gentes da terra carregavam gentes da terra.

*

O pai dele trocara o mar pelos campos. Marinheiro ou agricultor, que género de liberdade conhecera o seu pai, ou o seu avô? A liberdade de um homem que dá cabo das costas a plantar a própria colheita.

Quando John pensava no pai, somente conseguia recordar fragmentos — sentimentos profundos, mas apenas pedaços —, momentos passados juntos, nem sequer dias. Anos, uma vida inteira — agora somente este punhado, este coração carregado.

*

Histórias contadas num campo de batalha, num bote salva-vidas, na enfermaria de um hospital à noite. Num café que desaparecerá antes do alvorecer. Alguém ouve inadvertidamente. Alguém escuta, atento, com todo o seu coração. Ninguém escuta. A história contada a alguém que está a adormecer, ou a perder os sentidos, para não mais acordar. A história contada a alguém que sobrevive e que contará essa mesma história a uma criança, que a escreverá num livro, para ser lida por uma mulher numa época ou num país que não são os dela. A história contada a nós próprios. A confissão emocionada. A meândrica e repetitiva busca pelo significado de um gesto, de um instante que toda a vida escapou à compreensão de quem conta. His-

tórias incompreensíveis para quem as ouve e que, não obstante, são acolhidas — pela escuridão, pelo vento, por um lugar, por uma paixão impercetível ou despercebida, até pela indiferença.

O que damos não nos pode ser tirado.

*

Já era tarde. No exterior da pousada apenas se via a luz ténue da estação e as estrelas adiante.

John não conseguia explicar o que sentia — era como se ele e Helena já ali tivessem estado, como se estivessem a levar a cabo uma espécie de representação, como se tudo o que dissessem de alguma maneira estivesse predestinado. Tinha a sensação de que, se regressasse à pousada no dia seguinte, esta não existiria, ela não existiria.

Disse que esperaria com ela até à chegada do comboio. Perguntou-se por que razão ela não tinha medo dele, um desconhecido nesse lugar isolado. Ele tinha um pouco de medo dela.

No interior da pousada aquecida, tinham conversado sobre segundas oportunidades. No exterior, na noite fria, parecia que se conheciam desde sempre. Ele quase lhe agarrou a mão.

*

Mais tarde, ele viria a perceber que há um momento em que a nossa vida tem de se tornar verdadeiramente nossa; temos de a reclamar de todas as outras histórias que nos foram dadas, que herdámos ou que nos impuseram, ou que nos foi deixada nos braços enquanto outra pessoa reclama a dela. Já sabia que a vida não escolhida, deixada para trás devido a cobardice ou vergonha, não definha. Em vez disso, e sem exceção, cresce desenfreada, estrangulando o caminho por percorrer.

*